

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

POR UMA DANÇA DE AUTONOMIAS: A EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ABUSO SEXUAL

Rosemeire Gomes da Fonseca (PIC, PIBIC/Fundação Araucária)
Unespar/Campus Curitiba II, mismeirerose@hotmail.com

Joubert de Albuquerque Arrais (Orientador), joubertarrais@gmail.com
Unespar/Campus Curitiba II, fap@unespar.edu.br

Marila Annibelli Vellozo (Co-orientadora),
marilaemovimento@hotmail.com
Unespar/Campus Curitiba II, fap@unespar.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa trata-se de um primeiro diálogo da/de Dança com o assunto “abuso sexual”, articulando uma investigação de corpo e movimento com as áreas da Psicologia e do Cinema. A partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990-2016), nossos estudos demarcaram como objeto de relação crianças e adolescentes como “sujeitos encarnados” (NAJMANOVICH, 2001), com observação-participante e também através de filmes-documentários disponibilizados na Internet. Com isso, aproximamo-nos da experiência abusiva para abrir espaço para a dança no mover do corpo. Entendemos como uma “dança de autonomias” uma rede de relações que parte da investigação da experiência somática (VELLOSO, 2007) e continua na investigação compartilhada (TRIDAPALLI, 2008) e no fazer artífice da pesquisa em Dança (ARRAIS, 2013). Concluimos, provisoriamente, que a recorrência do abuso sexual “coreografa” os corpos (KATZ, 2009) por ele sujeitos e desafia agentes educacionais a desenvolver, a partir do autoconhecimento, outros modos de mover/dançar, o que nos distancia de um entendimento enrijecido que trata a Dança como apenas instrumento de socialização.

Palavra-Chave: Corpo e Movimento. Abuso Sexual. Dança de Autonomias.

CONTEXTO:

Esta pesquisa trata-se de um primeiro diálogo da/de Dança com o assunto “abuso sexual”, articulando a investigação de corpo e movimento com discussões com as áreas da Psicologia e do Cinema. A partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990-2016), nossos estudos demarcaram como objeto de relação crianças e adolescentes como “sujeitos encarnados” (NAJMANOVICH, 2001), em diálogo com o documentário *A Ira de um Anjo* (Child of Rage, EUA, 1992), que trata de uma entrevista com a criança Beth e seus pais adotivos, cuja fala denuncia a experiência de abuso sexual dessa menina, quando fora sexualmente abusada por seu pai biológico quando tinha pouco mais de 1 ano de idade.

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

Desde sua criação, 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente é referência mundial como legislação destinada a proteger à juventude. Resultante de uma mobilização social e política, esse documento ainda desafia a sociedade na sua consolidação, principalmente quando, na contrapartida do que estabelece, há iniciativas recentes que defendem a diminuição da maioridade penal. Ao adotar a chamada Doutrina da Proteção Integral, concepção que é a base da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989, esse estatuto desafia-nos a uma reflexão crítica diante do índice de violência sexual contra crianças e adolescentes ainda é alarmante.

Sendo a Dança uma área de conhecimento, entendemos esta arte do corpo como capaz de culminar uma experiência transformadora na vida humana. A perspectiva somática de investigação da dança mostra a importância do autoconhecimento. Pois é no corpo e pelo corpo que se faz a materialidade da dança (KATZ & GREINER, 2005), e não fora dele. São as trocas de informações com o ambiente que faz do corpo um local que sempre está se adequando, se transformando, a partir das informações com as quais entra em contato.

Assim, não faz sentido falar de essência no corpo, porque no corpo nada é fixo, tudo é processo de transformação, ajustes e acordos. Somos corpos e essa processualidade da investigação do corpo é que possibilita a dança ser uma construção de autonomia. Passamos a entender que não colocamos movimentos no corpo porque o corpo não é mero instrumento, nem mesmo uma caixa onde apenas colocamos coisas.

Com isso, aproximamo-nos da experiência do abuso sexual para abrir espaço para redimensionar esse tema social com a Dança, investigando movimento no corpo que dança e deseja dançar para construir uma “dança de autonomias” através da experiência somática (VELLOSO, 2007). O que nos distancia de um entendimento enrijecido que trata a Dança como apenas instrumento de socialização.

Quando o corpo se move e se organiza como dança, o assunto “abuso sexual” ganha outro status de conhecimento, redimensionando o psicológico, o social, o emocional e o educacional. Fez sentido entender que o contexto social molda os corpos e que o abuso sexual “coreografa” os corpos nos seus afetos e nas suas decisões, em intenso diálogo com as informações do mundo. A própria ideia de “coreografia” se expande quando pensada como *coreografia social* (KATZ, 2009). Nesse sentido, o abuso coreografa na experiência abusiva.

Por isso que as crianças e adolescentes abusados sexualmente mudam de comportamento, passam a operar na submissão à vontade do outro e à renúncia ao próprio desejo. O ato abusivo condiciona corpos a se conformarem pela culpa e vergonha, sem autoconsciência do qual nociva é esse tipo de violência para formação adulta de adolescentes (AMAZARRAY & KOLLER, 1998). As

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

consequências acarretadas são, geralmente, não apenas físicas, mas também emocionais que podem se manifestar de diferentes formas e em diferentes contextos, como o escolar e o social (FERRARI & VECINA, 2002).

Mobilizamos o fazer crítico do pesquisador-artífice como forma de pensar e pesquisar dança (ARRAIS, 2013) e do aprendizado do corpo que dança (TRIPAPALLI, 2008), tratando professores e professoras como corpos emancipados, diante da regulação que impede outros modos de lidar com o corpo e com a dança. Constatamos que as estratégias pedagógicas precisam, urgentemente, compreender os corpos sujeitados a partir de suas amarras corporais acarretadas pelo abuso sexual (MIGNAC, 2008).

A escolha do contexto social de investigação científica já expõe sua justificativa, uma vez que cada vez mais profissionais de dança são convocados a atuarem em contextos sociais propriamente ditos ou com situações de ensino da dança. Para tanto, investimos no diálogo presencial com uma Organização Não-Governamental (ONG), o Projeto Núcleo de Atendimento de Crianças e Adolescentes. Entendemos que este contexto institucional foi de grande relevância para uma adequada aproximação contextual, visando a elaboração dos experimentos práticos enquanto estratégias eficientes de produção de autonomias dançantes.

Ao articular a dança com o social, enquanto estratégia de produção de autonomia (VIEIRA, 2006), expande-se a ideia do que vem a ser experimentar a dança, engajada, politicamente, na consciência corporal. Sobre isso, tratamos a dança como um modo de acionar uma percepção atenta e que considere as vivências e as histórias em cada corpo:

A percepção, o movimento e a organização das funções do corpo são coordenados pela sofisticação do sistema nervoso que registra todas as novas sensações e direciona as respostas, baseado na “memória” e na percepção das experiências passadas. O que leva a uma conexão particular com o aparato sensorio-motor e à possibilidade de ser revisto nosso mapa sensorio a cada vivência corporal. Os sentidos e percepções, filtros de nossas experiências, tem dinâmicas próprias no que diz respeito ao modo como percebemos nossas experiências e como lidamos com elas. Nestes tempos onde até mesmo a razão foi desmascarada de uma suposta autonomia do aparato sensorio-motor, refletir sobre o ciclo de respostas perceptuais é apropriado para os que trabalham com o corpo e a dança. (VELLOSO: 2007, p.39)

No corpo que dança, lidamos com o abuso sexual como uma experiência encarnada e que, para desenvolver estratégias de investigação, tal contexto é tratado como uma vivência abusiva que silencia corpos para o movimento com o mundo, inibindo a produção de autonomia na ação de se organizar como dança e corpo que dança. Essa foi nossa primeira questão que se clareou ao longo da pesquisa, possibilitando-nos pensar o corpo que vivencia o abuso como um corpo singular e que cada caso

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

merece atenção específica, a fim de evitar generalizações homogeneizadoras. Nesse sentido, a experiência pedagógica pode tencionar esse silêncio, a fim de que o corpo se mova problematizando aquilo que o silencia, rumo a um dançar investigando e a um investigar dançando, movido pela necessidade e inquietude por respostas provisórias.

Faz, então, urgente pensar outros modos de mover dançando com o mundo para novas perguntas a partir da pergunta: como fazer dançar esses corpos cujo o movimento sofreu tamanha violência? De outro modo: como fazer dançar essa violência na sua ressignificação operando na consciência corporal pelo movimento?

OBJETIVOS:

Objetivo Geral: Investigar, criticamente, o ensino/aprendizagem da dança com o contexto social de crianças e adolescentes em situação de abuso sexual, a partir da investigação da experiência somática do movimento na estruturação do corpo que dança.

Objetivos Específicos:

- Realizar experimentos teórico-práticos no curso de Dança da Fap e também com agentes educacionais fora do contexto universitário, com foco na investigação de corpo e movimento;
- Realizar experimentos práticos de convivência com crianças e adolescentes, a fim de mapear questões somáticas e possibilidades críticas que articulem o artístico e o social.
- Organizar procedimentos de investigação de corpo e movimento, sensíveis à condição somática de corpos sujeitos, a partir dos experimentos realizados.
- Realizar atividades de movimento, percepção e interação.
- Preparar atividades relacionadas a dança.
- Organizar um ambiente confortável e seguro, a fim de possibilitar segurança para as crianças e adolescentes.
- Desenvolver a prática do diálogo ao término de cada ação entre professores e alunos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

A pesquisa desenvolveu-se a partir de uma perspectiva interdisciplinar, dialogando com as áreas da Psicologia e do Cinema Documentário. Apresentamos, nesta comunicação, uma proposta de diálogo de dança tensionado pelo cinema documentário com foco no abuso sexual (assunto) e na entrevista (procedimento). Partimos do filme *A Ira de um Anjo* (*Child of Rage*, EUA, 1992), que aborda o caso de Beth, uma menina abusada sexualmente pelo pai biológico. O filme evidencia a naturalização do corpo da pequena Beth diante das perguntas de um psicólogo sobre suas vivências com os pais biológicos, intercaladas pelo depoimento dos pais adotivos. Constatamos um movimento da fala dessa criança que não se limita ao que é respondido nem ao que é perguntado. O cinema documentário foi altamente estratégico para expandir a percepção da subjetividade no discurso da vítima que, embora parecesse não se importar com o nada em seu entorno, com a agressão sofrida e com quem estava a sua volta, as mãos, a forma como ela as utilizava como as gesticulava, trazia um outro discurso. Como se houvesse simultaneamente dois discursos opostos, uma criança agressiva X uma criança pedindo ajuda. Uma criança firme e determinada X uma criança débil e fragilizada. Foi uma percepção subjetiva, mas que constata no final do vídeo onde a mesma criança passou por um período de terapia e o que parecia ser subjetivo, se evidenciou como objetivo. Os movimentos de suas mãos na sua subjetividade, falaram sobre o intrínseco, sobre o peso da agressão que foram captados pela câmera e explicitados no cinema documentário.

A observação-participante foi nossa estratégia principal, articulando o contexto universitário do curso de Dança da Unespar com uma Organização Não Governamental. A área da Psicologia, interessada no assunto sobre Abuso Sexual nos serviu de base para a escrita do projeto. Depois, como estratégia de familiarização sobre o assunto, na sua perspectiva comunicacional e midiática, nos aproximou do cinema de documentário, com filmes que discutiam o assunto, disponibilizados na Internet. Entrevistas com psicólogo, profissional da dança e uma colunista, onde os mesmos estiveram em contato com os fatores emocionais, psicológicos, motores e sociais de crianças e adolescentes vítimas do abuso sexual, colaborou nessa familiarização. Experimentos individuais em sala de aula foram decisivos para entender no corpo de quem pesquisa a dança as estratégias pedagógicas para outros corpos lidarem com a dança a partir da condição do abuso sexual.

RESULTADOS E CONCLUSÕES:

Com a realização da pesquisa, sistematizamos procedimentos de corpo e movimento, contudo no processo com as crianças, concluímos que para se chegar a autonomia e a liberdade de expressão, ficou entendido que o trabalho com elas é processual. Concluímos, provisoriamente, que a recorrência da violência sexual – pelo seu decisivo impacto sobre a saúde física, psicológica, motora e social –

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

desafia agentes educacionais que trabalham com a dança a desenvolverem outras estratégias de corpo e movimento.

BIBLIOGRAFIA

- AMAZARRAY, M. R. & KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. In: **Revista de Psicologia Reflexão e Crítica**, 11(3), 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300014>. Acesso em 13/07/2016.
- ARRAIS, Joubert de Albuquerque. Quando fazer é pensar e pesquisar: andanças epistemológicas. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDança/UFBA)**. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2013. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/8301/6038> Acessado em 06/07/2016.
- FERRARI, D.C.A. & Vecina, T.C.C. **O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática**. São Paulo: Ágora, 2002.
- KATZ, Helena. Toda coreografia é social: pensando a relação entre hip hop, mídia e comportamento. In: Anais da V Reunião Científica da Abrace - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. São Paulo: USP, 2009.
- KATZ, Helena & GREINER, Christine. Por uma Teoria Corpomídia. In: GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.
- MIGNAC, Márcia Virgínia dos Reis. **A subversão da sujeição: Ação Política da Dança do Ventre em Adolescentes Sujeitadas e em Instituições**. Dissertação de Mestrado defendida em 17/12/2008. Programa de Pós Graduação em Dança - PPGDança. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.
- NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano**. Ed. DP&A: Rio de Janeiro, 2001.
- TRIDAPALLI, Gladis. De aproximações e possibilidades: a investigação como uma possível estratégia de aprendizado do corpo que dança. In: **Anais do VI Fórum de Pesquisa Científica em Arte**. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2008.
- VELLOSO, Marila. Invertendo lentes: entre a possibilidade e o aprisionamento da experiência. In: **Workshop Corpo Em Movimento**, 1, Curitiba. Anais, Faculdade de Artes do Paraná – FAP, 2007.
- VIEIRA, Jorge de Albuquerque. Produção de autonomia em sistemas psicossociais: ciência e arte. In: **Formas de Conhecimento: Arte e Ciência, uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Ed. Expressão Gráfica, 2006.